

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME II-III*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
1960-61

## UMA NOVA DIVINDADE PRÉ-ROMANA VENERADA NA LUSITÂNIA

O escritor Sr. Dr. José Rodrigues, numa interessante monografia que elaborou sobre a sua terra natal, a que deu o título de *O Couto de Aguim. Subsídios para a sua história* (Anadia 1959), abre esse trabalho com um capítulo acerca de «A Romanização na Região da Bairrada», no qual dá conhecimento de vários achados arqueológicos ocorridos naquela região, classificados como vestígios da época lusitano-romana, entre os quais figura uma formosa ara votiva, de pedra calcária, encontrada no ano de 1957 em Murtede, freguesia do concelho de Cantanhede, no distrito de Coimbra (Figs. 1 e 2). Foi descoberta quando se procedia à demolição de uma parede, no sítio da antiga residência paroquial, próximo da Igreja Matriz, surgindo então casualmente, do meio da alvenaria, esse curioso monumento, num terreno pertencente ao Sr. Dr. Costa Nora, que, por sua vez, benemeritamente ofereceu o precioso achado ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, onde actualmente se encontra.

Ao breve e conciso comentário que o Sr. Dr. José Rodrigues escreveu acerca desta linda ara romana com inscrição consagrada a uma divindade hispânica, monumento que tivemos a oportunidade de apreciar no referido Instituto, pareceu-nos útil acrescentar ainda algumas singelas palavras, que o Sr. Prof. Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, ilustre Director daquele Instituto, quis ter a amabilidade de inserir no presente volume da Revista *Conimbriga*.

Conforme o citado escritor concluiu na sua monografia, o nome TABVDICVS da divindade, à qual o monumento fora dedicado, estava inédito na já longa relação conhecida das divindades indígenas veneradas na Hispânia pré-romana (1).

(1) São numerosos os estudos sobre as divindades hispânicas. Citaremos, por exemplo, além das *Religiões da Lusitania*, de Leite de Vasconcelos: Florentino

Cerca de centena e meia de nomes de divindades que não figuram no panteão clássico greco-romano foi até hoje registada, através de monumentos epigráficos gravados em caracteres latinos, e aparecidos, na sua grande maioria, no Noroeste da Península, muito especialmente na zona galaico-minhota-duriense. Afirmam os linguistas (e a localização destes achados parece confirmar também a sua opinião) que todos, ou quase todos, estes nomes de deuses pertencem ao mundo celto-hispânico, e não ao ibérico, da zona sul e oriental mediterrânea da Península (2). É possível que as inscrições gravadas em caracteres chamados «ibéricos», até hoje indecifradas, aparecidas no sul e oriente da Península, contenham igualmente nomes de deuses que os íncolas dessas regiões já veneravam, muito antes da chegada dos romanos, e possivelmente antes da irrupção das hordas celtas. Por outro lado, a integração dessas divindades indígenas nas fórmulas cultuais romanas mais tarde introduzidas na Península, mas conservando os seus nomes originais, mais ou menos latinizados, nas lápides hispano-romanas, muitas delas já do final do Império, mostram quanto era persistente e arraigada entre as populações autóctones, sobretudo a N. do Douro, a devoção aos seus primitivos deuses.

A inscrição da ara de Murtede, aberta em caracteres correctamente gravados e perfeitamente legíveis, contém apenas três linhas, apresentando as letras da primeira a altura de 4 cm., e as da segunda e terceira a altura de 3 cm.:

**T A B V D I C O**  
C • F A B I V S • V I A T O R  
L A D D

Cuevillas, *La Civilización céltica en Galicia*, Santiago de Compostela, 1953, p. 391 ss. («La religión»). Florentino Cuevillas e Ruy de Serpa Pinto, «Estudos sobre a Edade de Ferro no Noroeste da Península. A Relixion», *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, Santiago de Compostela, Vol. VI, 1933-34, p. 297 ss.. A. Tovar y J. M. Navascués, «Algunas consideraciones sobre los nombres de divindades del Oeste peninsular», *Miscelânea de Filología, Literatura e Historia Cultural à Memoria de Francisco Adolfo Coelho*, Lisboa 1950, p. 178 do vol. II (Tomo XI do *Boletim de Filologia*). J. Blasquez Martinez, *Religiones primitivas de Hispania*, Madrid 1962, p. 245 ss.. *CIL, II. Supl.* «Dii deaeque», p. 1126 ss.; *MLI*, Berlim 1893, «Nomina deorum dearumque», p. 252.

(2) A. Garcia y Bellido, *La Peninsula Ibérica en los comienzos de su historia*, Madrid, 1953, p. 543.



FIG. 1 — Ara encontrada em Murte, vista de frente e do lado oposto à inscrição.

*(No Instituto de Arqueologia da Univ. de Coimbra)*

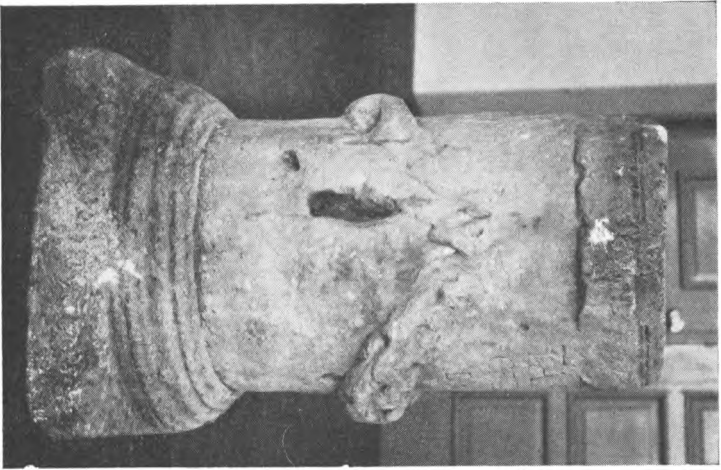


FIG. 2 — A mesma ara vista respectivamente do lado esquerdo e do lado direito da inscrição.

Reconstituindo a leitura e interpretação desta inscrição, somos forçados a divergir um pouco das conclusões a que chegou o Sr. Dr. José Rodrigues. Nós lemos:

Tabudico / C (*aius*) Fabius Viator / I (*ibens*) a (*nimo*) d (*onum*) d (*edit*).

Quanto à interpretação, supomos que a palavra *Viator* não deve ter, no caso presente, o significado de um *viajante* que houvesse ficado salvo de qualquer «aventurosa viagem», conforme a hipótese sugerida pelo Sr. Dr. José Rodrigues, mercê de promessa que tivesse feito, e de boa mente cumprido, ao deus Tabudico.

Tanto nas inscrições das lápides votivas, como nas gravadas em esteiras funerárias, o dedicante é geralmente designado apenas pelos seus nomes, ou então por estes seguidos da menção de qualquer título honorífico ou cargo público que o devoto desempenhasse. Parece-nos, portanto, no caso presente da inscrição de Murtede, dever excluir-se da palavra *Viator* o significado de «viajante».

*Viator*, na acepção de «função pública», designava o indivíduo que exercia um determinado cargo, desempenhado por certa classe de funcionários inferiores dos municípios e das províncias romanas, função esta que, de algum modo, corresponderia modernamente à dos oficiais judiciais designados «meirinhos», ou dos actuais «oficiais de diligências» (3).

No *Cursus honorum* romano, que abrangia o conjunto de títulos, funções públicas e magistraturas a que poderiam ascender os cidadãos ao serviço do Estado, de um município, ou mesmo de uma associação particular, a par das carreiras *senatorial* e *equestre*, figuravam também as carreiras inferiores, confiadas aos empregados menores da administração, tanto em Roma como nas províncias do Império, entre os quais se contavam os *viatores* (4).

Pertenciam os *viatores* ao corpo dos *apparitores*, que eram funcionários subalternos à disposição dos magistrados, tais como os *lictors*, portadores do *fascis*, o feixe simbólico representativo do poder; os *praecones*, pregoeiros; os *librarii*, escreventes ou copistas; os *accensi*,

(3) A palavra *viator* deriva de *via* (estrada, rua), porque estes funcionários desempenhavam principalmente, entre outros serviços, a condução e entrega de mensagens.

(4) R. Cagnat, *Corns d'Epigraphie Latine*, Paris, 1914, p. 88 ss..

ou ordenanças; os *scribae*, secretários encarregados dos arquivos; etc. (5). Igualmente, nas cerimónias do culto, os sacerdotes dispunham de um determinado número de ajudantes pertencentes ao quadro do pessoal inferior, entre os quais figuravam também os *viatores* (6).

Finalmente, *Viator* pode ser um simples cognome. Supomos que neste sentido deverá ser tomada a palavra inscrita na ara de Murtede, onde o dedicante é mencionado pelos seus *tria nomina* — Caius Fabius Viator, tal como numa lápide de Mérida, na Lusitânia, de um Lucius Agilius Viator, e numa outra de Castro del Rio, na Bética, de um Fulcinius Viator (7).

Quanto às quatro iniciais que formam a 3.<sup>a</sup> linha da inscrição, representam, como é sabido, as abreviaturas usuais da fórmula epigráfica vulgarmente empregada: *libens animo donum dedit*, ou *dedicavit* (8).

\*

Seja-nos permitido agora também uma breve referência às características morfológicas e ornamentais deste curioso monumento, apesar de as fotografias aqui reproduzidas, nas gravuras que acompanham estas linhas, e que o Sr. Prof. Bairrão Oleiro amavelmente nos facultou, serem bastante elucidativas.

Tem a ara, trabalhada em pedra calcárea, a altura de 79 cm., e a forma de uma coluna de fuste cilíndrico com 35 cm. de diâmetro, rematado inferiormente por uma moldura assente sobre uma base quadrangular, com 48 cm. de lado e 10 cm. de altura.

O monumento sofreu graves mutilações, mas felizmente a inscrição foi poupada. As restantes partes da superfície cilíndrica apresentam grandes falhas e desgastes, como igualmente, no topo superior da coluna, a moldura que a rematava desapareceu quase por completo.

O fuste é abraçado, a meia altura, por duas grinaldas ou festões ornamentais, esculpidos com forte relevo, e suspensos pelas extremidades,

(5) Alvaro D'Ors, *Epigrafía Jurídica de la España Romana*, Madrid 1953, p. 179. Cf. CIL, I, Berlim 1863, n.º 202 alusivo à *Lex Cornelia*, onde se encontram numerosas referências aos *viatores* (p. 108-110).

(6) Cagnat & Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris 1920, vol. IT, p. 162.

(7) Cf. CIL, II, 526, 1579.

(8) R. Cagnat, *Corns d'Epigr.* cit., p. 440.

a dois bucrâneos, cujas formas a mutilação da pedra já mal deixa perceber.

Este tipo de aras cilíndricas, ao gosto grego (9), não é vulgar em Portugal mas não podemos contudo afirmar que a ara de Murtede seja exemplar único no nosso país, se bem que não conheçamos outra idêntica. Em Espanha, todavia, têm sido encontrados alguns exemplares. Em Mérida, por exemplo, existe, num pequeno largo da cidade, um monumento heteróclito erigido a Santa Eulália, no qual se vê uma imagem desta Santa colocada sobre uma alta coluna formada por três destas aras sobrepostas e rematadas por um capitel coríntio, sobre o qual assenta a estátua. Este absurdo monumento cristão, de um mau gosto deplorável, já devia ter sido apeado, pois os elementos romanos que o formam, de há muito mereciam dar entrada no Museu Arqueológico daquela cidade, tão evocadora de um glorioso passado, durante o período hispano-romano (10).

Outra ara de tipo idêntico encontra-se no Museu Arqueológico de Sevilha, procedente de Trigueros, localidade a uns 20 quilómetros a N.E. de Huelva (11).

Sobre a ornamentação destas aras, constituída pela associação de festões e bucrâneos, pode dizer-se que é um cânone decorativo clássico, tipicamente helenístico, mas muito em voga no mundo romano do tempo de Augusto. Encontrámo-la não só nestas aras cilíndricas, como a de Murtede, diferente do tipo vulgar das aras romanas, que era o cipo quadrangular, mas ainda noutros monumentos, tais como sarcófagos, frisos de edifícios, etc..

Como monumentos desta última espécie existentes em Espanha, podemos citar o baixo-relevo que fazia parte de um sarcófago, procedente das ruínas de Carteia, e se encontra na escada do Ayuntamiento

(9) Cagnat & Chapot, *Manuel d'Arch.* cit., Paris 1917, vol. I, p. 555. O Museu Borély, de Marselha, possui duas aras deste tipo, uma delas procedente de Delos, outra de Cos (Vide F. Benoit, *Musée Archéologique de Marseille. Guide*, Marselha, p. 36 e figs de p. 41.

(10) Martín Almagro, *Merida. Guide de la ville et de ses monuments*, Merida 1959, p. 111-113 e fig. 43. García y Bellido, *Esculturas romanas de España y Portugal*, Madrid 1949, Lám. 413 e p. 412 do Texto.

(11) García y Bellido, *Esculturas Romanas...* cit., Lám. 412 e p. 411-412 do Texto. A inscrição que esta ara contém está registada no CIL, II, 951.



da cidade de S. Roque, perto de Gibraltar (12); um outro sarcófago que pertenceu à colecção de Gómez-Moreno, actualmente no Museu de Granada (13); os fragmentos de um friso, procedente de Mérida, do lugar chamado Pan Caliente (14).

Em Portugal, também o Museu de Évora possui três pedras esculpturadas, que estavam incrustadas numa parede na Praça do Giraldo, uma das quais apresenta esculpido um bucrâneo, pedras estas que Leite de Vasconcelos suspeitava terem pertencido ao friso do templo romano existente naquela cidade (15).

O bucrâneo, ou cabeça de boi descarnada (do grego *βίovς* e *ngánov*), bem como as cabeças de outros animais, eram emblemas sacrificiais, a que por vezes se atribuía um carácter mágico e talismânico (16). Serviam de ornato arquitectural e, simultaneamente, lembravam as vítimas imoladas nos templos ou sobre os altares, para onde as reses eram conduzidas, enfeitadas com flores e grinaldas. Um protótipo bem característico desta ornamentação clássica era constituído pelos baixos-relevos que existiam nas faces do muro que cercava o altar levantado em Roma, chamado *Ara Pacis Augustae*, para celebrar o regresso de Augusto das campanhas vitoriosas da Espanha e da Gália (17).

Finalmente, quanto à cronologia do interessante monumento de Murteide, é fora de dúvida, em vista do que nos revelam a sua ornamentação característica e o tipo bem cuidado das letras da inscrição, que esta ara deve datar da época augustana, ou pouco posterior, talvez da primeira metade do século I de J.C..

MÁRIO CARDOZO

(12) E. Romero Torres, *Catálogo Monumental de España. Provincia de Cádiz*, Madrid 1934, p. 224 e Lám. LXXVII, fig. 77.

(13) García y Bellido, *Esculturas romanas...* cit., p. 210 do Texto, n. 248bis.

(14) António Floriano, «Excavaciones em Mérida», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1944, vol. XVII, p. 181 e Láms. 29-31. García y Bellido, *Esculturas romanas...* cit., Lám. 418 e págs. 416-420 do Texto.

(15) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, Lisboa 1913, vol. III, p. 462 e fig. 244.

(16) Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris 1873, vol. I, p. 350-305, s. v. «ara».

(17) Cagnat & Chapot, *Manuel d'Arch.* cit., vol. I, p. 141 e 549, fig. 304.

## R É S U M É

Autel circulaire, trouvé à Murtede, avec une dédicace à Tabudico, divinité indigène encore inconnue. En face de l'ornementation et des caractères de l'inscription, l'autel doit dater de la première moitié du I<sup>er</sup> siècle après J.C.